

O HIP HOP E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL ACÊNTRICA: ESPAÇOS DE FORMAÇÃO INFORMAL E APRENDIZADO

HIP HOP AND THE CONSTRUCTION OF THE ACCENTRIC CULTURAL IDENTITY: SPACES OF
INFORMAL FORMATION AND LEARNING

JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER

Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo - PROLAM/USP (2004), com ênfase em Comunicação e Cultura. Pesquisador do Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de S. Paulo (Celacc/ECA/USP); professor da Universidade Estadual Paulista na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Unesp/Faac); coordenador executivo do Núcleo Negro Unesp para a Pesquisa e Extensão (NUPE).

E-mail: jxavier@faac.unesp.br

CAROLINA BATAIER

Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, é aluna regular do Programa de Pós Graduação em Mídia e Tecnologia na Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) e membro do grupo de estudos e pesquisa em Economia Criativa NeoCriativa. Profissionalmente, atuou em jornal impresso diário, telejornal e desenvolve o projeto Interior Cultural, de divulgação cultural no interior de São Paulo.

E-mail: carolbataier@gmail.com.

MEIRIANE JORDÃO DA SILVA POSSUI

Graduação em História pela Universidade do Sagrado Coração (2012). Tem experiência na área de História, com ênfase em História. Especialista em Antropologia Cultural pela Universidade do Sagrado Coração (2016), atualmente aluna mestrando no programa Mídia e Tecnologia, FAAC, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP(2017), pesquisadora em Economia Criativa no Núcleo de Pesquisa e Observação em Economia Criativa, NeoCriativa. (UNESP)(2017)

E-mail: mejordaosilva@gmail.com

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula; BATAIER, Carolina; POSSUI, Meiriane Jordão da Silva. O hip hop e a construção da identidade cultural acêntrica: espaços de formação informal e aprendizado. Revista GEMINIS, São Carlos, UFSCar, v. 8, n. 1, pp.105-114, jan. / abr. 2017.

Enviado em: 29 de maio de 2017 / Aceito em: 27 de junho de 2017

RESUMO

Em pesquisa realizada com jovens de 14 a 23 anos, estudantes da rede pública de ensino e vinculados ao movimento Hip Hop, nota-se que o conteúdo oferecido sob demanda na Internet funciona como uma alternativa à educação tradicional a que esses jovens têm acesso em sala de aula. O conteúdo da série The Get Down traz a esses jovens informações que vão além do que é visto dentro do ambiente da sala de aula convencional, além de despertar a curiosidade por temas unilaterais que dentro do ambiente de sala ficam de fora do curriculum estabelecido pelo governo Estadual, levando em consideração os saberes adquiridos na vida do indivíduo.

Palavras-chave: locais de aprendizado, sob demanda, The Get Down, Hip Hop.

ABSTRACT

In research conducted with young people aged 14 to 23, students of the public school system and linked to the Hip Hop movement, it is noticed that the content offered on the Internet works as an alternative to the traditional education to which these young people have access in the classroom . The content of The Get Down series brings to these young people information that goes beyond what is seen within the conventional classroom environment, in addition to arousing curiosity about unilateral issues within the classroom environment outside of the curriculum established by the government, taking into account the knowledge acquired in the life of the individual.

Keywords: Places of learning, on demand, The Get Down, Hip Hop.

INTRODUÇÃO

A plataforma Netflix oferece planos de assinatura em valor acessível que podem ser compartilhados entre usuários, figurando como ferramenta de baixo custo de acesso a conteúdo sob demanda. Além de oferecer conteúdo produzido por diversas empresas do ramo audiovisual, a plataforma tem produzido conteúdo próprio, como é o caso da série *The Get Down*. Produzida e lançada pela Netflix com estreia em 2016, *The Get Down* é ambientada no bairro Bronx (Estados Unidos), no ano de 1977. Através da trajetória de jovens negros da periferia de Nova Iorque, a série apresenta ao espectador os momentos iniciais do movimento Hip Hop.

Na série *The Get Down*, além do contexto histórico, cada personagem, em sua trajetória individual, vivencia conflitos pessoais. Dizzee (apelido do personagem Marcus, interpretado por Jaden Smith) é grafiteiro e está descobrindo sua sexualidade. Mylene (interpretada por Herizen Guardiola) sonha em ser cantora, mas tem a vida controlada pelo pai, que é pastor em uma igreja. Esses são alguns dos conflitos apresentados.

Partindo da hipótese de que, pelo tema geral e pelos conflitos pessoais dos personagens, a série se conecta com jovens vinculados ao movimento Hip Hop proporcionando aprendizado que vai além do que esses jovens aprendem em sala de aula, elaboramos uma pesquisa com 10 (dez) perguntas, sendo 9 (nove) de múltipla escolha e 1 (uma) dissertativa. As perguntas foram entregues para 16 (dezesesseis) jovens com idade entre 14 a 23 anos, matriculados ou recentemente formados no ensino médio nas escolas estaduais da cidade de Bauru-São Paulo, abordando assim a temática da série e a realidade vivenciada por cada jovem entrevistado, a fim de analisar como esse movimento contribui para a forma de aprendizado de situações que esses jovens vivenciam dentro do ambiente em que estão inseridos. A pesquisa toma como base o conceito de educação presente na obra de Paulo Freire, que pontua que a capacidade de aprendizado aumenta de acordo com a proximidade que o aprendiz tem com o tema exposto.

O Hip Hop é um movimento artístico e cultural baseado na união de quatro expressões artísticas: grafite, música (representada pelos DJs), dança (representada pelos b-boys e b-girls) e poesia (representada pelos MCs). Geograficamente, tem

como lugar de origem os subúrbios de Chicago e Nova Iorque na década de 70, como é visto na série *The Get Down*. Naquela época, os dançarinos de break usavam os movimentos do corpo como protesto contra a guerra do Vietnã. Os movimentos da dança simulavam os corpos feridos das vítimas da guerra. O Hip Hop chegou ao Brasil como representação estética, numa busca pela beleza dos movimentos corporais da dança, influenciado pelos Estados Unidos mas, num primeiro momento, sem o teor político da sua origem. Visava a diversão, até se ganhar características de movimento social que se fortaleceu ao encontrar as outras expressões artísticas; e persiste até hoje. Sabe-se que a fase puramente estética, em terras brasileiras, aconteceu num primeiro momento, até se tornar um espaço de debate de ideologias de classes, uma vez que as expressões artísticas são criadas e usufruídas pelos sujeitos acêntricos que se encontram fora da lógica do mercado da produção cultural. Desse modo, o significado do Hip Hop vai além da tradução literal “pular e quebrar” (Fochi, 2007).

No início, os praticantes do break não eram bem vistos, chegando a sofrer preconceito e perseguição.

Todavia, com o passar do tempo, a dança foi se disseminando, tornando-se conhecida e apreciada não só pelos negros, mas também por moradores e freqüentadores de regiões nobres da cidade de São Paulo.

Em Bauru, um dos espaços onde o movimento se organiza é a Casa do Hip Hop, um agrupamento que conta com espaço físico e oferece aos jovens da cidade um ambiente de realização e aprendizado das técnicas e poéticas dos quatro elementos que formam o movimento, além de outras atividades de caráter artístico, educativo e cultural.

RESULTADOS

No decorrer dessa pesquisa conseguimos os seguintes resultados mediante as questões abaixo (de 1 até 9 dissertativa e a 10 sendo argumentativa):

1-A série *The Get Down*, disponível no Netflix, fala de alguma realidade que você vivencia ou vivenciou?

2-Você se identifica com algum personagem da série?

3-Sobre a realidade e as experiências do personagem Marcus (o grafiteiro Dizze), você já vivenciou ou presenciou alguma situação semelhante?

4-A série traz alguma mensagem sobre as diferenças sociais existentes em nossa sociedade?

- 5-A série fala de divisão racial. Você acredita que essa situação é real?
- 6-Sobre os fatos históricos que a série apresenta, acha acredita que são reais?
- 7-A série te levou a ter mais conhecimento a respeito do movimento Hip Hop?
- 8-Você aprendeu algo novo com a série?
- 9-Após assistir essa série, você foi pesquisar algum tema que The Get Down apresentou?
- 10-Você se identificou com algum personagem? Comente.

As questões foram entregues a 16 jovens moradores de Bauru. Todos os entrevistados responderam que sim, em algum momento a série mostrou algo que já vivenciaram. Na segunda questão, todos os jovens também deram resposta positiva, mostrando terem se identificado com algum personagem da série. Já na terceira questão apenas três jovens informaram ter se identificado especificamente com aquele personagem, um pelo caso do abandono do pai, outro pela morte da mãe e ausência da figura paterna e um terceiro em dois pontos: por ser homossexual e o compartilhar com Marcus o desejo de viver da arte que produz (respostas que puderam ser conferidas na última questão, dissertativa); os demais não se identificaram com a realidade íntima de Marcus. Na quarta questão, todas as respostas foram afirmativas, ou seja, todos concordam que a série trata das diferenças sociais existentes em nossa sociedade. Na quinta questão todos também concordam que há, uma em nossa sociedade, uma divisão racial, da forma como é exposto em The Get Down. As respostas da sexta questão mostram que há confusão com relação ao contexto histórico apresentado, uma vez que apenas três desses jovens consideram que exista uma relação direta entre o que é apresentado na série e a realidade, sendo que a maioria respondeu que o que é apresentado na série não é real. Na questão número sete todos entraram em acordo sobre o conhecimento introduzido pela série a respeito do movimento Hip Hop.

Já nas respostas das questões oito (com 12 respostas positivas) e nove (com 13 respostas positivas), que tratam da introdução de novas informações a respeito do movimento Hip Hop, percebemos que a série é eficaz em trazer a esse grupo um novo conhecimento acerca do tema e também despertou o interesse na busca por novas informações.

Assim, o Hip Hop surge como agregador de sujeitos sistematicamente excluídos que encontram dentro do movimento espaço para suas pautas e expressões. Diante das respostas apresentadas, conclui-se que a maior parte desses jovens não teve acesso a informações sobre a história do movimento Hip Hop durante o ensino formal e que a série trouxe a eles mais conhecimento à respeito do movimento, além de despertar o interesse na busca por novas informações

O HIP HOP NO DIA A DIA

Em um prédio no centro da cidade onde, até a década de 90, funcionava a Estação Ferroviária de Bauru, está sediada a Casa do Hip Hop. Ocupando oito salas, o espaço oferece aulas gratuitas de street dance, oficinas de grafite, DJ, MC e breaking, além de outras atividades, todas oferecidas gratuitamente e coordenadas por professores e monitores voluntários. Quinzenalmente, acontecem as sessões do cine Pixote, com exibição de filmes sempre no primeiro e terceiro sábados do mês. Eventualmente, há oficinas de um dia, como, por exemplo, de escrita criativa. Todos os jovens ouvidos na pesquisa têm algum tipo de vínculo com o movimento Hip Hop de Bauru, seja participando de aulas, cursos ou eventos esporádicos.

As aulas, cursos e atividades são frequentados majoritariamente por jovens que vêm da periferia de Bauru. O espaço físico é cedido pela administração pública da cidade. No entanto, a Casa do Hip Hop funciona com trabalho voluntário e em horários definidos pelos próprios envolvidos (alunos e voluntários). O acesso às dependências da Casa do Hip Hop é aberto a qualquer visitante.

Foram os jovens vinculados à Casa do Hip Hop que arrecadaram tintas, pintaram as paredes e organizaram o espaço tal como atualmente se encontra. São esses jovens que tomam conta do espaço, cuidam da limpeza, organizam ali grupos de discussão e eventos. Em uma das salas, funciona a Biblioteca Móvel Quinto Elemento, uma biblioteca itinerante que tem na casa seu ponto fixo e é aberta aos frequentadores. Há também salas de aula, onde funcionam um cursinho pré-vestibular e um curso de EJA (Educação de Jovens e Adultos).

As atividades dos jovens vinculados ao Hip Hop bauruense, como treinos de dança, acontecem também em outros espaços, como em suas casas, pátios de escolas e praças dos seus bairros. No entanto, a casa funciona como ponto de encontro e de agregação de novos membros a esses pequenos grupos que se expressam em outras localidades.

Além das aulas, atividade e cursos regulares, que agregam frequentadores ao espaço da Casa do Hip Hop, os grupos que ali se formam organizam eventos de música e saraus (encontros para declamação de poesia). Como temáticas recorrentes dos poemas e músicas apresentados nesses eventos, estão o feminismo e questões relacionadas ao racismo e à desigualdade social. Os jovens que participam trazem suas vivências e, ao mesmo tempo, entram em contato com as vivências de outros sujeitos com trajetórias parecidas no que diz respeito à realidade socioeconômica.

É uma organização efetiva porque se dá de forma horizontal, gerando envolvimento ativo de todos os membros, de professores a alunos, sem limitação de participantes. Ali, o conhecimento é compartilhado e disponibilizado, e as atividades de educação, cultura e lazer são abertas ao público (estando restritas somente com relação ao número de vagas no caso dos cursos e oficinas), fazendo contraponto ao que é ofertado pelo sistema como um todo, onde impera a lógica do acesso pelo dinheiro.

Apesar de espaço aberto, nota-se que ainda não alcançou sua totalidade quanto à potencialidade de agregados, como observam os entrevistados. O público poderia ser maior. Os envolvidos no movimento concordam que a Casa do Hip Hop faz um trabalho positivo no que diz respeito à proporcionar atividades culturais; e o movimento Hip Hop abre espaço para debates políticos e culturais. No entanto, apesar de contar com adesão de muitos jovens, a divulgação das atividades, como cursos e eventos ainda não chegam à sua total capacidade de abrangência. Isso porque tais atividades não recebem espaço na grande mídia para a divulgação.

De acordo com organizadores da Casa do Hip Hop, o meios mais utilizados para divulgação de atividades é a internet, tendo como principal plataforma o Facebook. Fora do ambiente virtual, muitos jovens chegam até a Casa por convite de amigos. Sendo assim, internet e boca-a-boca são as principais formas de divulgação deste espaço. O que não poderia ser diferente, uma vez que o movimento Hip Hop é, por si mesmo, um contraponto ao trabalho da grande mídia.

Eis um desafio, que vem sendo trabalhado, para o próprio movimento: organizar-se de forma a agregar mais sujeitos que possam ali também encontrar espaço para suas pautas, sem necessitar do suporte dos tradicionais veículos de comunicação para chegar cada vez mais longe.

CONCLUSÃO

Este artigo tem como objetivo lançar um olhar sobre um aspecto da formação da identidade de grupos acêntricos, mostrando a importância do movimento Hip Hop como ambiente agregador e de encontros e, a partir dali, proporcionando a esse jovens conhecimento sobre um movimento que é parte da história do grupo social no qual estão inseridos. Assim, o Hip Hop torna-se importante para a formação de uma identidade cultural e social não elitizada, apoiado nas formas de aprendizado que vão além da sala de aula. Por meio de questionário, entendemos que o conteúdo oferecido sob demanda na internet, neste caso através da plataforma Netflix, proporciona a essa juventude uma possibilidade de aprendizado a respeito do ambiente onde ela está inserida, oferecendo

conteúdo que vai além daquilo a que esse jovens têm acesso em sala de aula no ensino formal, mostrando que a sua realidade pode ser um ambiente de aprendizado e que as novas mídias são ferramentas precisas para a obtenção de conhecimento, influenciando positivamente na formação intelectual e no fortalecimento da identidade cultural desses jovens.

Dentro dessa esfera de conhecimento, na cidade de Bauru existe uma organização sem fins lucrativos que exerce esse papel de difusora de conhecimento e organização do movimento Hip Hop, contando com espaço físico e atividades pontuais, possibilitando a união de jovens em um mesmo espaço com demandas semelhantes no que diz respeito às opções de cultura e lazer. Formados esses grupos, cria-se um ambiente propício aos debates relacionados à sociedade, cultura e identidade. Um exemplo é a Frente Feminina do Hip Hop, que surgiu de uma demanda por maior representatividade feminina nesse espaço.

A Biblioteca Quinto Elemento, que é vinculada a Casa do Hip Hop, onde há livros que podem ser lidos no local ou levados por meio de empréstimo, também surgiu depois da organização do movimento, num segundo momento e partindo de uma demanda dos próprios envolvidos, sendo o nome uma referência ao elemento extra, além dos quatro outros que já fazem parte da tradição (música, poesia, dança e grafite). Nota-se que o movimento é fluido, adaptável e agregador, resultando em ambiente de debate cultural e educativo, fora dos moldes tradicionais de educação padronizados.

Sendo um movimento organizado e pulverizador inserido numa sociedade excludente, é provável que estenda-se a cada vez mais pessoas. Mesmo com as barreiras, sobretudo com relação à divulgação de ações e eventos, encontra grande número de agregados atualmente. Em sua maioria, são jovens das periferias da cidade, que têm ali um espaço de cultura e lazer.

Organizados, esses jovens trocam conhecimentos em aulas e oficinas, e organizam eventos de caráter político e cultural, onde pautas relacionadas às suas vivências são debatidas através da arte, como nos saraus. Além disso, a casa permanece aberta, oferecendo espaço para treinos de dança ou leitura de livros. E nesses espaços, onde acontece a convivência, surge também a identificação, o fortalecimento e a prática da cidadania.

É aberto a novas possibilidades e experiências, característica que permite sua manutenção e abrangência. Tem como desafio, atualmente, chegar a mais sujeitos. Uma das formas de divulgação dos eventos relacionados ao Hip Hop em Bauru é a internet, por meio das redes sociais, o que pode garantir sua expansão de acordo com a expansão da rede em si e da disseminação do acesso à internet. É esse também o desafio do

aprendizado proporcionado através das plataformas de conteúdo sob demanda: chegar a cada vez mais pessoas. De acordo com pesquisa realizada entre 2015 e 2016 pelo Cetic, em aproximadamente 51% dos lares brasileiros existe acesso à rede.

Como destaca Kentaro Toyama, o acesso à internet, por si só, não altera a realidade e não gera inclusão social. No entanto, esse acesso somado a um ambiente favorável, onde há o interesse na busca da informação e do conhecimento, pode garantir benefícios a determinados grupos. Neste caso, aos jovens ligados ao movimento Hip Hop, que encontram-se num ambiente de debate e troca de informações, que pode ser enriquecido com o conteúdo disposto na internet.

(...) tecnologia — não importa quão bem projetada — é só um amplificador das intenções e capacidades humanas. Não um substituto. Se eu tenho um grupo de pessoas competentes e bem-intencionadas, então a tecnologia pode amplificar essas capacidades e guia-los para realizações incríveis.

Concluimos que as novas plataformas de vídeo sob demanda têm o poder de proporcionar aos sujeitos um aprendizado próximo da realidade em que estão inseridos e, dentro do conceito freireano de aprendizado, capacitar esses jovens, levando-os à identificação e reflexão, interferindo positivamente na formação de cidadãos reflexivos sobre a sua própria realidade.

REFERÊNCIAS

BATAIER, Carolina. **Em prédio antigo, Casa do Hip Hop traz o futuro.** [online] Disponível em: <https://interiorcultural.com.br/2017/02/16/casa-do-hip-hop-de-bauru/>

CETIC. **TIC Domicílios**, 2015. Disponível em: <http://cetic.br/pesquisa/domicilios/>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ,ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. **Hip Hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social?** [online] Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina.** Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010.

DRAGON, Alfonso Gumucio (2003). Take five: A Handful of Essential for ICTS in Development. In: **The One to Watch: Radio, New ICTs and Interactivity.** Friedrich Ebert Foundation and Food and

Agriculture Organization of the United Nations. Rome, 2003.

SANTOS, Milton (2001). **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Editora Record.

SOUZA, Jessé (2011). **A ralé brasileira :Quem é e como vive**. Belo Horizonte .Editora UFMGF

TOYAMA, Kentaro (2010). **Can Technology End Poverty?** Boston: Boston Review. Disponível em: <<http://bostonreview.net/forum/can-technology-end-poverty>> Acesso em: 20 de Abr. 2017.